

A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO LOTEAMENTO ALPHAVILLE GRACIOSA, EM PINHAIS, PARANÁ

Igor Chmyz *
João Carlos Gomes Chmyz *
Julio Cesar Telles Thomaz **
Eloi Bora **

RESUMO: O presente artigo resultou de estudos de impacto ambiental e salvamento arqueológico em área destinada para loteamento urbano. Com uma fisiografia modificada pela ocupação recente, o espaço pesquisado não revelou vestígios relacionados a grupos indígenas. As evidências arqueológicas constatadas referem-se a estabelecimento rural da segunda metade do século XIX. Junto às estruturas residuais da casa principal, casa secundária e paiol/estábulo, foi recolhido material correspondente a cerâmica manufaturada localmente (recipientes e telhas), louças e frascos de vidro importados da Europa, além de objetos de metal também obtidos através de comércio. O estabelecimento identificado interava-se à Estrada da Graciosa.

Palavras-chave: Arqueologia de Salvamento; Arqueologia do Paraná; Arqueologia Histórica de Pinhais; Estrada da Graciosa.

INTRODUÇÃO

A área do projetado empreendimento residencial Alphaville Graciosa recebeu, por parte do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná - CEPA/UFPR, duas abordagens. A primeira, solicitada por Resitec Tecnologia de Resíduos Ltda., objetivou o levantamento preliminar de dados arqueológicos para a estruturação do Estudo de Impacto Ambiental por aquela consultora. Os trabalhos de campo foram realizados entre os dias 7 e 16 de julho de 1999 pelos dois primeiros pesquisadores e contaram com a colaboração de Laércio Loiola Brochier e Luiz Fernando Erig Lima.

* Do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR

** Pesquisadores Associados do CEPA/UFPR

A segunda abordagem, tendo em vista a constatação de ocupações antigas na área do empreendimento, foi encomendada por Alphaville Urbanismo S. A., destinando-se à complementação dos estudos iniciais e ao salvamento dos vestígios arqueológicos existentes. O contrato celebrado com a Fundação da Universidade Federal do Paraná para o Desenvolvimento da Ciência, da Tecnologia e da Cultura - FUNPAR, em 9 de junho de 2000, deu condições para o desenvolvimento do Projeto Arqueológico Alphaville Graciosa pelo CEPA/UFPR.

As pesquisas, que foram autorizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, através da Portaria nº 36/00, foram iniciadas no dia 26 de junho de 2000 e prosseguiram, ininterruptamente, até o dia 20 do mês seguinte. As atividades de laboratório estenderam-se até 19 de outubro de 2000, data do encaminhamento do relatório técnico-científico às entidades envolvidas.

Na segunda etapa os trabalhos foram desenvolvidos pelos autores deste artigo. Luiz Fernando Erig Lima participou na classificação de louças e, Roseli Santos Ceccon e Gustavo Rayel/Poto Makers são autores das fotografias números 5, 7 e 8 e, 16 e 17, respectivamente.

As coleções resultantes das pesquisas de campo foram controladas por meio de números de catálogos 3472 a 3492 e estão depositadas nas dependências do CEPA/UFPR.

ÁREA DO PROJETO

Integrada à Região Metropolitana de Curitiba, a área do empreendimento imobiliário situa-se na antiga Fazenda Capela, junto à Estrada da Graciosa, nas proximidades da Vila Tebas, no Município de Pinhais. A obra projetada ocupa uma área de 2.479.808,404m² (aproximadamente 247,9 hectares), localizando-se entre as coordenadas UTM: 684375 - 7188065; 685985 - 7189115; 685550 - 7190525; 684455 - 7190340 (Fig. 1).

O terreno integra o planalto de Curitiba, que é suavemente ondulado, com altitudes variando de 883 e 947m s.n.m., e revestido por capões de araucária, capoeiras e campos. Na época da primeira abordagem ocorriam, em sua maior parte, espaços abertos com revolvimento provocado por lavoura mecanizada (indícios de plantação de soja e milho). No início dos trabalhos apenas uma estrada interna servia a área; em alguns trechos de capões, foram constatados leitos de estradas antigas.

O curso fluvial mais expressivo é representado pelo rio Palmital, situado a oeste, porém, fora da área de estudo. Outros cursos fluviais

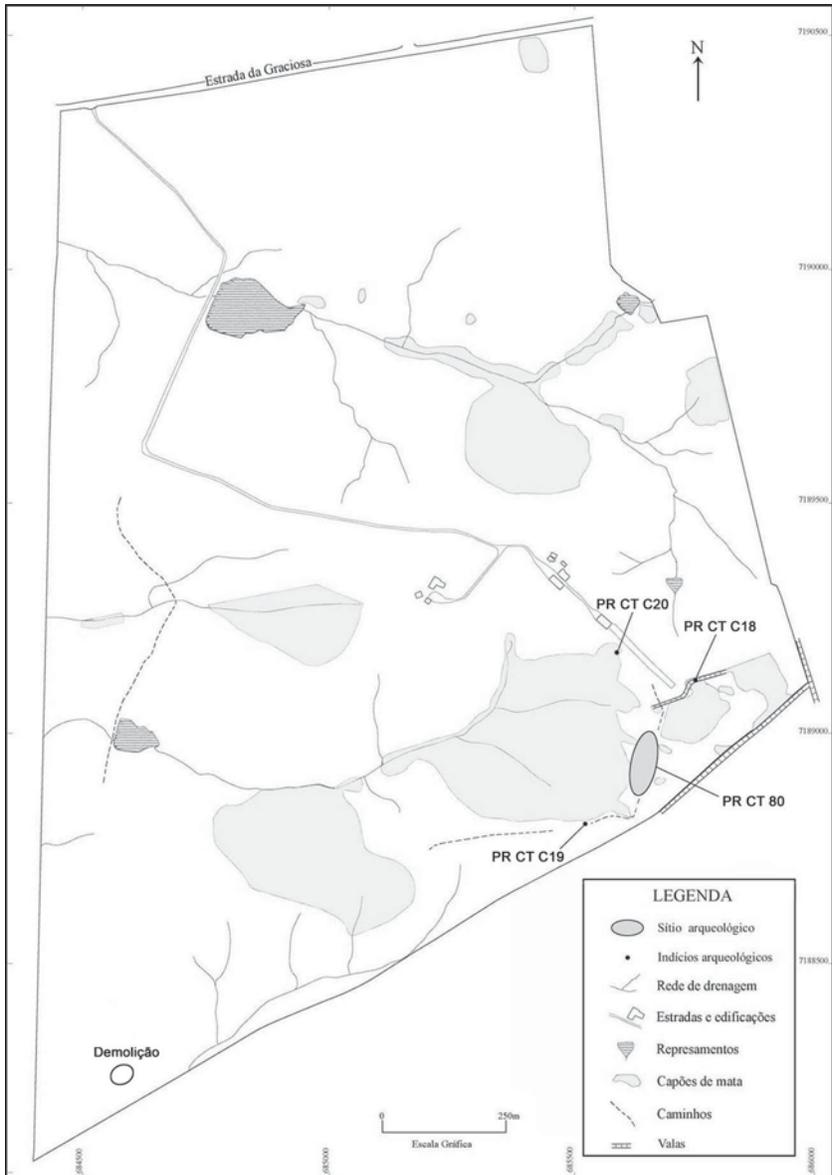


Figura 1. Localização das ocorrências arqueológicas na área do Loteamento Alphaville Graciosa e, das antigas valas divisórias.

menores existentes no espaço da pesquisa, apresentam direção preferencial Leste - Oeste, com fluxos contínuos propiciando, em alguns pontos, a construção de açudes. Foram constatados, também, cursos intermitentes de águas subterrâneas provocando, por vezes, solapamentos de formas circulares ou alongadas, sempre acompanhando a rede de drenagem. Áreas alagadiças ocorrem nas porções rebaixadas.

O solo apresentava colorações que variavam do marrom-claro ao preto, predominando o último, sendo este geralmente associado à preservação de matéria orgânica por lençol freático elevado. Em vários locais constatou-se delgadas camadas de páleopavimentos detríticos, constituídos por pequenos seixos e fragmentos de quartzo, formando horizontes em profundidades de 5cm a 1m. Em alguns perfis foi possível visualizar camadas de solos avermelhados e alaranjados, com presença de crostas lateríticas.

O clima insere-se na zona climática Cfb, conforme a classificação de Koeppen. Caracteriza-se como subtropical úmido mesotérmico, com verões frescos apresentando, o mês mais frio, temperatura média inferior a 22°C. A temperatura média anual é de 16,5°C, correspondendo a 12,6°C a média do mês mais frio e a 20,1°C o mês mais quente. A mínima absoluta registrada foi de -6,3°C (MAACK, 1968).

A precipitação média anual varia entre 1.250 e 2.000mm. O máximo pluviométrico ocorre nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, sendo agosto o mês menos chuvoso.

CONTEXTO HISTÓRICO

O Planalto Curitibano foi, inicialmente, ocupado por grupos de caçadores coletores generalizados pertencentes às tradições¹ Humaitá e Umbu. Eram nômades e exploravam os recursos naturais disponíveis, valendo-se de aprimorada indústria lítica.

Os umbu eram mais expressivos numericamente e, em seus sítios, ocorrem pontas de projéteis lanceoladas e pedunculadas. Nos últimos momentos de sua história nesse espaço paranaense, os umbu podem ter sido contemporâneos a um dos grupos ceramistas, dominadores da região pouco antes da chegada dos europeus.

Os indígenas ceramistas também foram objeto de pesquisas sistemáticas na segunda metade deste século. Ligados às tradições

¹ Grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA, 1976:145).

Itararé e Tupiguarani, os seus estabelecimentos apontam para uma permanência mais prolongada e uma população maior. Desenvolviavam, igualmente, atividades de caça e coleta generalizadas, mas obtinham parte da sua alimentação através da horticultura.

Os ceramistas distinguiram-se, principalmente, pela produção de vasilhas com formas e acabamentos diferenciados. Ambos confeccionavam, porém, artefatos líticos polidos, como lâminas de machados e mãos de pilões. No século XVI, quando aconteceram as primeiras expedições europeias, o Planalto Curitibano estava ocupado por índios das famílias lingüísticas Tupi-Guarani e Jê. As tradições definidas arqueologicamente como Tupiguarani e Itararé devem corresponder àquelas famílias lingüísticas (CHMYZ, 1986:19).

A mineração determinou o devassamento da região pelos europeus. Posteriormente, com o esgotamento do ouro de aluvião, parte desses exploradores aqui permaneceu e, voltados para uma economia de subsistência, deram origem a povoados.

Corroborando a informação etno-histórica, a arqueologia comprovou que o contato dos europeus aconteceu com os índios tupiguarani. Esse relacionamento, favorável aos adventícios que incluíam africanos, desencadeou um processo de assimilação e aculturação, dando origem a uma população mestiça, produtora de objetos com tecnologia mista. A partir desse momento forma-se a tradição definida pela arqueologia como Neobrasileira.²

No século XVIII a economia local reergueu-se com a pecuária e a exploração da erva-mate. A primeira produção foi escoada pelos tropeiros para São Paulo, através dos caminhos existentes; a extrativista, juntamente com os excedentes das roças de subsistência, também por caminhos, foi levada para o litoral e embarcada com destino a várias capitanias.

O cenário populacional e econômico começou a se modificar no século seguinte, após a abertura dos portos em 1808 e, especialmente após a emancipação política do Paraná, em 1853. A implantação de colônias constituídas por imigrantes europeus passou a ser incentivada pelos governantes, ocasionando o “branqueamento” da população. Nesse século a atividade ervateira tornou-se a principal gera-

² Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimpos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA, 1976:145).

dora de divisas exportadoras. Os núcleos fundados pelos imigrantes destinavam-se mais ao abastecimento dos centros urbanos.

As colônias de imigrantes foram instaladas em espaços tradicionalmente ocupados pela população mestiça, motivando o seu afastamento ou ilhamento, às vezes desencadeando conflitos. Nesse momento, a tradição Neobrasileira começa a desaparecer do cenário curitibano; seus traços diagnósticos, resultantes da produção local, passaram a ser substituídos pelos fabricados e obtidos por meio do comércio.

Os índios tupi-guarani já haviam sido assimilados e, os jê, constituindo pequenos grupos arredios, continuavam existindo em lugares mais distantes, ocasionando as “correrias de índios”, conforme os relatórios dos presidentes da Província.

A indústria ervateira manteve-se atuante até o primeiro quartel do século XX, desempenhando o seu papel enriquecedor da economia local e das famílias a ela relacionadas.

METODOLOGIA DO PROJETO

Trabalhos de campo

Na segunda abordagem de campo, foram utilizados 25 dias, entre os meses de junho e julho de 2000. Somente por dois dias os trabalhos foram interrompidos, devido à instabilidade climática.

Na maior parte da área do empreendimento as obras de engenharia civil já estavam bastante adiantadas. Apenas o espaço englobando os Índícios C 1, C 2 e C 3, conforme a nomenclatura provisória adotada nos estudos preliminares, foi mantido intacto. O C 2 por estar em uma área de preservação permanente e, os demais, pelas recomendações feitas no “Relatório técnico dos trabalhos para constatação do patrimônio arqueológico na área de implantação do Loteamento Alphaville Graciosa, no Município paranaense de Pinhais”.

Em função das atuais pesquisas, o indício cerâmico C 1 constituiu o sítio arqueológico PR CT 80: Fazenda Capela. O C 2 foi mudado para PR CT C-18 e, o C 3, representado por um fragmento de artefato lítico que se julgava produzido por índios, diante dos novos conhecimentos, foi anexado ao sítio PR CT 80.³

³ A nomenclatura definitiva dos sítios e indícios é a utilizada pelo CEPA/UFPR nas áreas paranaenses criadas para o cadastro das ocorrências. Os números são seqüenciais em cada área, sendo esta identificada através de sigla própria. No presente caso, a sigla é PR CT.

Dois novos indícios foram localizados nos arredores, recebendo as siglas PR CT C-19 e PR CT C-20.

No sítio PR CT 80: Fazenda Capela, foram praticados cortes experimentais, trincheiras, cortes-estratigráficos e raspagens.

Os cortes-experimentais permitiram a delimitação do sítio e a verificação dos espaços contendo adensamento de material arqueológico. Obedecendo a um espaçamento de 2m, os cortes alinharam-se no sentido longitudinal (NE-SO) e no perpendicular (NO-SE) à estrada que cortava o sítio. A primeira linha mediou 150m de extensão e recebeu 76 cortes; na segunda, com 50m de extensão, foram praticados 26 cortes. Vários desses cortes evidenciaram material, sendo considerados positivos (Fig. 2).

Os cortes-experimentais serviram também, para o entendimento das funções do espaço e determinaram a adoção dos procedimentos seguintes.

Duas trincheiras foram abertas, então, acompanhando parte das linhas dos cortes-experimentais, cruzando-se no ponto da sua intersecção. A primeira mediou 12m de comprimento e, a segunda, 9,50m. Foram identificadas por meio de algarismos romanos e divididas em segmentos para facilitar o registro arqueológico.

A abertura das trincheiras levou à prática de um corte-estratigráfico abrangendo o ponto de intersecção daquelas. Denominada quadra 1, expôs 6m² da área. Um segundo corte-estratigráfico (quadra 2), com 1m², foi realizado 8m ao sul da anterior.

Duas raspagens, finalmente, foram feitas no espaço do sítio. Uma no lado norte, com 4m² de área (Fig. 3) e, outra, quase na porção central, com 1m².

O procedimento inicial permitiu, ainda, a avaliação das condições de conservação do local. Assim, as trincheiras e os cortes-estratigráficos puderam ser praticados em trechos que se apresentavam intactos ou parcialmente perturbados.

As raspagens foram executadas em pontos perturbados do terreno.

Para a obtenção do material as práticas foram variáveis, consistindo na coleta não seletiva em toda a superfície do sítio e por meio de coletas setorizadas nos espaços de concentração. Nas trincheiras e quadras, o material foi escavado com controle stratigráfico e, topografado. Nas raspagens, os traços arqueológicos foram retirados através do revolvimento da camada de solo perturbado pelas antigas práticas agrícolas.

Nos espaços ocupados pelos indícios PR CT C-18, PR CT C-19 e PR CT C-20, as amostras foram coletadas superficialmente, ano

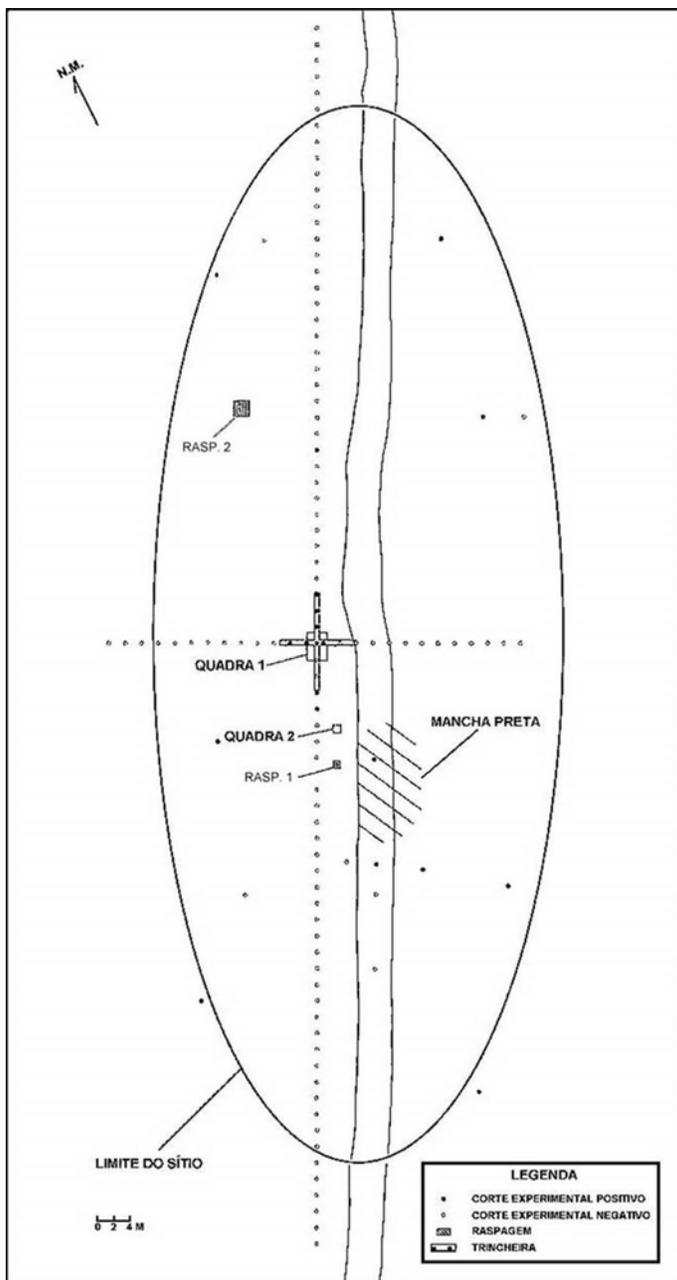


Figura 2. Área do sítio PR CT 80: Fazenda Capela.

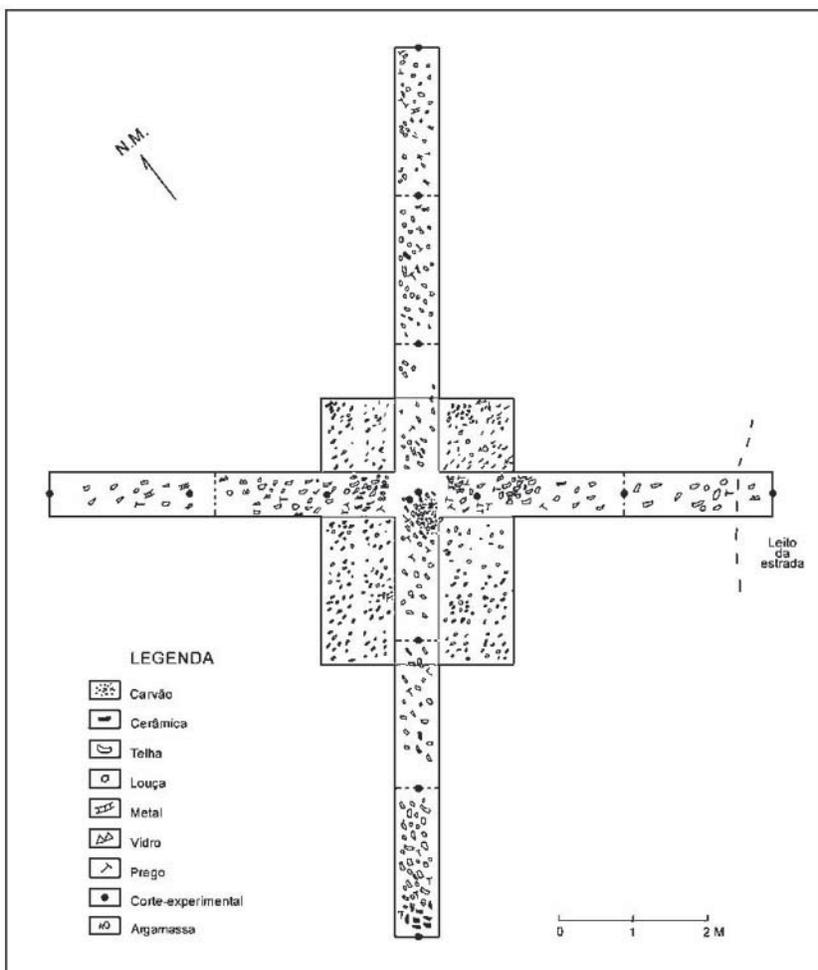


Figura 3. Planta do espaço escavado junto às trincheiras, no sítio PR CT 80: Fazenda Capela.

tando-se a sua área de dispersão. Em todos os locais, cortes-experimentais foram realizados para verificação de ocorrências em profundidade e, das características do solo.

As coleções obtidas nas diversas operações receberam números de catálogo próprios.

Acomodado em sacos de pano e/ou de plástico, o material recolhido foi depositado nas dependências do CEPA/UFPR.

Trabalhos de laboratório

Com o encerramento dos trabalhos de campo ou mesmo durante o seu desenvolvimento, o material foi submetido às tarefas preliminares de limpeza e secagem. Utilizando-se escovas de unhas ou pincéis, as coleções foram lavadas separadamente em água natural.

Uma vez secas, as peças foram marcadas com tinta nanquim ou guache, de acordo com o número de catálogo da coleta recebendo, em seguida, uma delgada camada de verniz incolor para proteção da numeração.

Muitas peças foram restauradas e, outras, mais frágeis, preservadas.

Peças metálicas, em adiantado estado de oxidação, passaram por um tratamento para contenção do processo.

Paralelamente, fichas de campo foram revisadas e digitadas e, o documentário fotográfico organizado; levantamento bibliográfico foi efetuado, objetivando a obtenção de dados arqueológicos e etno-históricos.

As plantas dos sítios e indícios e da topografia dos espaços escavados foram também revisados e, em parte, serviram para a produção das figuras deste artigo.

REGISTRO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Durante os trabalhos de campo do Projeto Arqueológico Alphaville Graciosa, foram estudados quatro locais contendo vestígios arqueológicos do período histórico; um deles foi cadastrado como sítio PR CT 80: Fazenda Capela e, os outros, como indícios PR CT C-18, PR CT C-19 e PR CT C-20. Estes representam atividades periféricas emanadas do sítio.

Descrição do sítio PR CT 80: Fazenda Capela (N^oC 3472 a 3489)

Sítio cerâmico histórico localizado no extremo nordeste do Loteamento Alphaville Graciosa.⁴ Ocupava uma elevação alongada, com altitude de 944m s.n.m.; estava ladeado por pequenas vertentes e capões

⁴ A sua área foi abrangida por partes das quadras 41 (lotes 1, 4 e 5), 42 (lote 19) e 43 (lotes 1, 2 e 3) daquele loteamento.

de mata. Distava, aproximadamente, 1.750m da margem esquerda do rio Palmital (Fig. 1 e Fotos 1 e 5).

A superfície do terreno encontrava-se recoberta por resíduos de plantação de soja e estava cortado por uma estrada de terra no sentido Nordeste - Sudoeste.

As evidências arqueológicas dispersavam-se por uma área com 130 x 50m (5.102m²) (Fig. 2).

Os diversos procedimentos adotados em campo, possibilitaram a delimitação do sítio e o registro do seu patrimônio arqueológico. Os iniciais foram representados pelos cortes-experimentais, praticados alinhadamente nos sentidos longitudinal e transversal, além de outros, abertos em pontos distintos da área. Diagnosticados por esse meio as estruturas e os trechos contendo adensamento de material, duas trincheiras foram praticadas coincidindo, em parte, com os alinhamentos dos cortes-experimentais. Um corte-estratigráfico foi aberto no espaço de interseção das trincheiras e, outro, mais ao sul (quadras 1 e 2, respectivamente).

Em dois pontos do terreno perturbado, um deles com alta densidade de material, foram executadas raspagens para retirá-lo.

A visualização da superfície do sítio permitiu a constatação de adensamento de fragmentos de telhas na sua porção central e, mais ao sul, de uma mancha de terra preta.

As trincheiras e os cortes-estratigráficos foram praticados no espaço assinalado pelo adensamento de telhas, coincidindo com porções do terreno intacto e parcialmente perturbado. As escavações determinaram a posição da camada arqueológica, que estava situada entre 6 e 15cm; nesta profundidade caracterizava-se o solo argiloso, compacto e de cor marrom-avermelhado. Na camada arqueológica o solo era argilo-arenoso, granuloso e de coloração cinza-escuro; às vezes esse solo mesclava-se com grânulos do solo marrom-avermelhado.

Em toda a camada de ocupação os fragmentos de telhas estavam presentes, mas, a partir dos 4 ou 6cm de profundidade, ocorriam misturados com fragmentos de louças, vidros, metais e ossos, além de carvão vegetal. Entre os ossos, relativos à fauna doméstica, ocorreu uma delgada placa com incisões. Somente um pedaço de tijolo maciço foi encontrado nesse espaço.

Um bolsão de terra preta foi registrado junto à parede SO da quadra 1. Tinha formato cônico, medindo 25cm de diâmetro no início; atingiu 35cm de profundidade. No seu interior, desde o topo até a base, havia fragmentos de telhas, vidros e louças.

Ao lado do bolsão ocorreu um bloco de granito sobre formigueiro antigo; sob esse bloco havia cacos de telhas, madeira

semicarbonizada e gravetos. O bolsão formado pelo formigueiro era cônico e constituído por terra avermelhada em mistura com solo cinza-escuro, aprofundando-se até 54cm; nele foram encontrados fragmentos de telhas.

No espaço da quadra 2 verificou-se um adensamento de telhas entre 10 e 18cm de profundidade. Logo abaixo caracterizou-se um bolsão de terra preta, com formato ligeiramente cilíndrico. Aberta no solo avermelhado, essa estrutura media 60 x 40cm de diâmetro e aprofundava-se até 30cm. No seu interior, junto com o solo escuro, havia grande quantidade de recipientes quase inteiros. Empilhados, estavam porções de canecos, pratos, pires de louça, de diversos recipientes de vidro e, embasando o conjunto, uma parte de vasilha cerâmica. Pregos também estavam presentes, assim como lasca de quartzo, carvão e cinza. Resíduos de combustão foram detectados, ainda, no canto leste da quadra.

No trecho assinalado superficialmente pela terra preta, com área de 15 x 8m (94, 20m²), a raspagem efetuada proporcionou muitos indícios metálicos; estavam representados, principalmente, por ferraduras, dobradiças, pregos, chave e formão. Fragmentos de recipientes de louça, vidro e cerâmica também ocorreram, além de telhas.

No lado norte do sítio, junto à segunda raspagem realizada, constatou-se pequena concentração de fragmentos de cerâmica corrugada.

As estruturas registradas inferem as diversas funções do espaço: habitação principal, lixeira, paiol/estábulo e habitação menor. Essas unidades funcionais corresponderam às abordagens feitas através das trincheiras e quadra 1, quadra 2, raspagem 1 e raspagem 2, respectivamente.

Ao sul e a sudeste do sítio, coincidindo com as atuais divisas da propriedade, foram registradas profundas valas ligadas ao antigo sistema de divisa territorial. O mesmo verificou-se a nordeste do sítio; esta vala terminava na nascente de uma das vertentes que o cercava (Fig. 1 e Foto 3).

Descrição dos indícios

Em três locais foram constatados traços arqueológicos referentes à mesma faixa temporal do sítio PR CT 80: Fazenda Capela. Em dois deles (PR CT C-18 e PR CT C-20) ocorreram, também, peças relacionadas a depósitos mais recentes.

Indícios PR CT C-18 (N°C 3490)

Fragmentos de telhas em meia-cana e francesas, tijolos maciços e vazados, porcelanas e vidros localizados na superfície do terreno e junto a uma lixeira. Foram encontrados no meio de um capão com pinheiros e alamedas de cedros antigos.

O solo era argiloso, de coloração marrom e encontrava-se recoberto por grama.

Ocupavam uma área com aproximadamente 50 x 30m (1.177,50m²) a 90m do extremo nordeste do sítio PR CT 80. As evidências ocorreram de forma dispersa e escassa.

Indícios PR CT C-19 (N°C 3491)

Fragmentos de porcelanas e um fragmento de vidro localizados superficialmente no extremo sul da área em estudo (Foto 2).

Ocorreram no leito e nas laterais da estrada que cortava o sítio PR CT 80. Eram dispersas e escassas e foram coletadas em uma extensão aproximada de 18m.

O local havia sofrido sucessivas práticas agrícolas mecanizadas.

Indícios PR CT C-20 (N°C 3492)

Fragmentos de recipientes cerâmicos, porcelana e grés localizados ao norte do sítio PR CT 80; dispunham-se superficialmente, em uma pequena clareira com área de 20 x 14m (219,80m²) aberta no extremo nordeste de um capão.

O solo argiloso, de coloração preta, estava muito revolvido.

Os indícios eram rarefeitos e misturavam-se com lixo recente.

Arrolamento do acervo

O acervo reunido pelo Projeto Arqueológico Alphaville Graciosa soma 2.627 peças, assim distribuídas:

<i>MATERIAL</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
CERÂMICA	1905	72,40
VIDRO	387	14,70
METAL	216	8,20
TELHA *	90	3,42
TIJOLO	19	0,72
LÍTICO	7	0,30
ÓSSEO	4	0,15
MISCELÂNEA	3	0,11
TOTAL	2627	100

* Amostragem pré-selecionada em campo.

As cerâmicas foram divididas em dois grupos principais, de acordo com a técnica de confecção e a origem de fabricação:

<i>TIPOPROCEDÊNCIA</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
Industrial/Estrangeira	1794	92,8
Artesanal/Local	140	7,2
TOTAL	1934	100

Com relação às técnicas decorativas, a cerâmica artesanal apresentou duas variações:

<i>TIPO</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
Simples	105	75,0
Corrugado	35	25,0
TOTAL	140	100

Observando-se a composição, dureza e textura da pasta, foi possível identificar seis variedades da cerâmica industrial (louça), assim agrupadas:

<i>VARIEDADE</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
FAIANÇA FINA (PÓ DE PEDRA)	1215	67,7
FAIANÇA	368	20,5
PORCELANA	171	9,5
LOUÇA VIDRADA ("COLONO WARE")	22	1,2

segue

GRÉS OULOUÇA VITRIFICADA	15	0,9
BISCUIT	3	0,2
TOTAL	1794	100

As definições adotadas para as louças, foram baseadas em Brancante (1981) e Pillegi (1958) e mostram as demais diferenças técnicas entre as variedades arroladas:

1- Faiança fina = louça com pasta permeável opaca, de textura granular (tipo pó de pedra) e quebra irregular que, para se tornar impermeável a líquidos, deve ser coberta com um esmalte. Sua temperatura de queima varia entre 600 e 1.150°C.

2- Faiança = produtos feitos com argila de grande plasticidade, queimados a temperaturas reduzidas (aproximadamente 900°C), porosos e resistentes. Estes são recobertos de esmalte opaco a base de compostos de chumbo e estanho.

3- Porcelana = pasta composta de argila branca (caulim), quartzo, feldspato ou minerais de composição análoga. Estrutura sólida branca vitrificada, translúcida e sonora. Pode ser dividida em dura (1.300 a 1.500°C) e mole ou tenra (1.200 a 1.300°C).

4- Louça vidrada = louça esmaltada a base de chumbo, estanho e sal ("salt - glazed").

5- Louça vitrificada (grés) = produtos com uma composição de contextura muito forte, densa, impermeável, de grão fino, queimados a altas temperaturas e levados a vitrificação total. Aproximam-se das porcelanas.

6- Biscuit = qualquer pasta cerâmica depois de queimada e antes de vidrada.

As louças foram ainda divididas em categorias decorativas e funcionais, bem como consideradas com relação aos países que as produziram.

Padrão decorativo da louça colorida:

<i>VARIIDADE</i>	<i>PADRÃO</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
FAIANÇA FINA	"Willow"-azul	100	28,25
	Policromo	100	28,25
	"Flow blue"	45	12,71
	Linear simples	29	8,20
	Policromo "Fantasia"	12	3,39
	Floral	8	2,26
	Sem identificação	3	0,85
	Monocromo uniforme	1	0,28
	Personalizado	1	0,28
FAIANÇA	Linear simples	38	10,74
	Monocromo uniforme	4	1,13
	Floral	4	1,13
	Policromo	1	0,28
	Sem identificação	1	0,28
PORCELANA	Linear simples	3	0,85
	Policromo	1	0,28
	"Willow"- rosa	1	0,28
	Sem identificação	1	0,28
LOUÇA VIDRADA	Policromo	1	0,28
TOTAL		354	100

Padrão decorativo de louça não colorida:

<i>VARIIDADE</i>	<i>DECORAÇÃO</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
FAIANÇA FINA	Simples	869	60,28
	Alto-relevo floral	45	3,13
FAIANÇA	Simples	319	22,15
	Alto-relevo floral	4	0,28
PORCELANA	Simples	128	8,89
	Alto-relevo floral	37	2,57
LOUÇA VIDRADA	Simples	21	1,45
LOUÇA VITRIFICADA (GRÉS)	Simples	15	1,04
BISCUIT	Simples	3	0,21
TOTAL		1440	100

Função utilitária das louças:

<i>VARIEDADE</i>	<i>FUNÇÃO UTILITÁRIA</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
FAIANÇA FINA	Prato ou pires	980	54,64
	Caneca	102	5,68
	Xícara	90	5,03
	Travessa	15	0,84
	Tigela	9	0,50
	Açucareiro	1	0,05
	Bule ou leiteira	1	0,05
	Sem identificação	2	0,11
FAIANÇA	Prato ou pires	350	19,52
	Xícara	20	1,11
	Caneca	12	0,66
	Sem identificação	1	0,05
PORCELANA	Xícara	79	4,40
	Prato ou pires	61	3,42
	Caneca	28	1,58
	Açucareiro	1	0,05
	Travessa	1	0,05
	Sem identificação	1	0,05
LOUÇA VITRIFICADA (GRÉS)	Tinteiro	11	0,61
	Garrafa	3	0,16
	Xícara	1	0,05
LOUÇA VIDRADA	Tigela	19	1,07
	Caneca	1	0,05
	Sem identificação	2	0,11
BISCUIT	Caneca	3	0,16
TOTAL		1794	100

Procedência de fabricação das louças:

<i>PAÍSES</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS *</i>	<i>%</i>
Inglaterra	22	58,0
Bélgica	10	26,3
França	3	7,9
Holanda	3	7,8
TOTAL	38	100

* Número de fragmentos nos quais foi possível identificar os países de origem.

Já os fragmentos do material vítreo, inferem características funcionais que permitiram, *a priori*, a seguinte distinção:

<i>TIPO</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
FRASCO	275	71,0
GARRAFA	112	29,0
<i>TOTAL</i>	387	100

A opção por um agrupamento que levasse em conta a relação que os objetos metálicos possuíam, quando em uso, com as atividades produtivas, domésticas e com as edificações, distinguiu três grupos genéricos:

<i>TIPO</i>	<i>NÚMERO DE FRAGMENTOS</i>	<i>%</i>
CONSTRUTIVO	145	67,0
DOMÉSTICO	46	21,3
TRABALHO	6	2,8
SEM IDENTIFICAÇÃO	19	8,9
<i>TOTAL</i>	216	100

Entendeu-se por “doméstico” uma ampla gama de material metálico que incorpora desde fragmentos de talheres e peças de fogão a lenha, até fivelas e botões de uso pessoal. Dentre os itens inclusos no grupo “trabalho”, encontram-se ferraduras, freios, enxada, cinorro, encaixes de encabamento e formão. Pregos, trancas e uma dobradiça foram agrupados em “material construtivo” (Foto 17). Não foi possível a identificação do material metálico em avançado estado de oxidação e/ou muito fragmentado.

O material lítico foi escasso. Está representado por apenas dois fragmentos de mão de pilão (Foto 11 f) e uma lasca de quartzo.

O material ósseo incluiu dois fragmentos de dentes de animal não identificado, um fragmento de osso com 3,5cm de comprimento apresentando sinal de uso (perfurador?) e outro carbonizado.

No que se refere à miscelânea, constatou-se uma lente de um monóculo, um fragmento de adorno de material sintético (?) e um cabo de navalha (Foto 15 b, c, d).



Foto 1. Área do sítio PR CT 80: Fazenda Capela, ao lado de um capão de mata.



Foto 2. Prospecções junto aos indícios cerâmicos PR CT C-19. Ao fundo, Vila Tebas e Cidade de Curitiba.



Foto 3. Detalhes da antiga vala divisória, constatada a nordeste do sítio.



Foto 4. Fase intermediária das escavações no sítio PR CT 80.



Foto 5. Término dos trabalhos de campo concomitante às obras do empreendimento imobiliário.

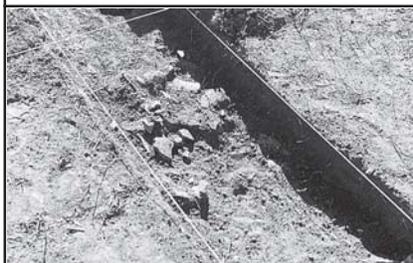


Foto 6. Concentração de material arqueológico na trincheira NE-SO.



Foto 7. Fase inicial da exposição do bolsão na quadra 2.



Foto 8. Fragmentos de louças na base do bolsão da quadra 2.



Foto 9. Trincheiras NE-SO e NO-SE abertas nas porções centrais do sítio.



Foto 10. Quadra 1 praticada na intersecção das trincheiras.

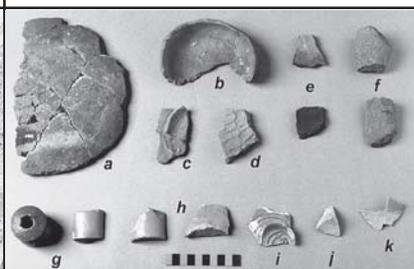


Foto 11. Fragmentos de recipientes cerâmicos produzidos localmente (a-e), de mãos-de-pilões (f) e de recipientes industrializados (g-k).

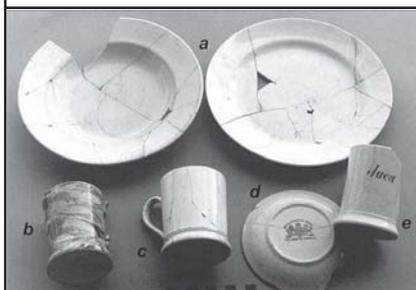


Foto 12. Louças restauradas.

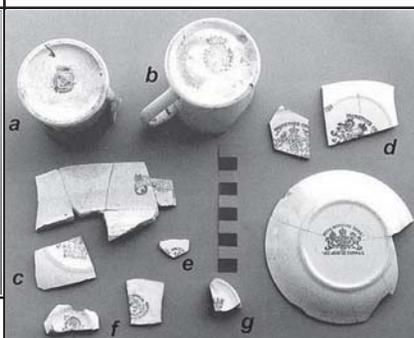


Foto 13. Fragmentos de louças com cunhos de fabricação: França (a), Bélgica (b), Inglaterra (c-d), Holanda (f) e sem identificação (g).



CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Aspectos gerais

O Projeto Arqueológico Alphaville Graciosa (PAAG), complementa as pesquisas anteriores realizadas pelo CEPA/UFPR, ampliando o entendimento da ocupação do Planalto de Curitiba.

A ausência de material arqueológico relacionado a populações indígenas na área do projeto pode estar ligada a dois fatores:

- rede de drenagem escassa e pouco favorável aos seus padrões de assentamento;

- descaracterização da área por atividades antrópicas recentes.

No entanto, a presente pesquisa teve no sítio histórico PR CT 80 sua principal ocorrência, além de outros três indícios pertencentes ao mesmo período.

O patrimônio arqueológico resgatado vincula-se, com segurança, a uma típica unidade residencial camponesa da segunda metade do século XIX, influenciada diretamente pela Estrada da Graciosa naquele final de período provincial.

Caminhos antigos

Desde meados do século XVII, quando os portugueses atravessaram a serra do Mar em busca de ouro de aluvião no Planalto Curitibano, fez-se notar a relevância das ancestrais trilhas indígenas do Peabiru, mais tarde calçadas com pedras e transformadas em caminhos efetivos. Aventureiros, preadores, caçadores, fugitivos, mineradores, comerciantes, contrabandistas, naturalistas e religiosos, utilizaram-se desses caminhos por mais de 300 anos. Tiveram vários nomes antes de serem consagrados como o Caminho da Graciosa, Caminho do Itupava e Caminho do Arraial; todos foram “abertos” entre os séculos XVI e XVII. A própria fundação da efêmera Vilinha,⁵ deu-se ao lado do Caminho do Mar que mais tarde (séc. XVIII) passou a chamar-se Itupava, em alusão a um rio de seu trecho serrano.

O historiador Júlio Moreira (1975:5) descreve assim parte do trajeto terrestre das oito léguas (1 légua = 6 km) do Caminho do Itupava:

*“... Correndo sempre para leste o caminho passava pela Varginha (local onde nascera o poeta Emiliano Pernetá e seus irmãos). Pouco adiante atravessava o **rio Palmital** (grifo nosso), também margeado por terras alagadiças. A seguir atingia a Borda do Campo onde existiam diversas fazendas de criação...”*

⁵ Antigo núcleo colonizatório de Curitiba fundado em 1649 e transferido para a atual praça Tiradentes em 1654. A propósito de sua exata localização, Chmyz (1995) informa: “Se a incerteza ainda paira para os historiadores, ela poderá ser dirimida com a realização de novas pesquisas arqueológicas ao longo do Caminho do Itupava, entre os rios Bacacheri e Atuba e, especialmente, junto ao PR CT 1: Rio Bacacheri.”

Sobre o Caminho do Itupava, ainda, faz-se necessário a reprodução de outro trecho da obra do supracitado pesquisador:

*“O padre João José de Carvalho, morador da vila de Antonina, descendente de importante família e poderoso em bens, era dono de uma grande propriedade nas margens do ramal de Antonina e de extensos campos de cria no **Palmital** (grifo nosso), atravessados pela estrada do Itupava... Logo que tomou posse da fazenda de criação do Palmital, nos fins do primeiro quartel do séc. XIX, afastou, sem a autorização da Câmara, o caminho que atravessava as suas terras, sob o pretexto de estragos que os tropeiros lhe causavam, de modo que a sua propriedade ficasse livre da passagem das tropas. A estrada passou a fazer uma grande volta. Partindo ela do rio Bacacheri, rumo nordeste, até atingir a Borda do Campo, adiante do rio Palmital, fato que aumentou o seu percurso em légua e meia...” (1975:74-75) (Fig. 4).*

O desvio feito voluntariamente pelo religioso e também fazendeiro, atendeu tão somente as suas necessidades particulares deflagrando quase três décadas de polêmica envolvendo políticos, administradores e tropeiros. Apenas por volta de 1850 o desvio foi abandonado em função da recuperação do trecho original do Itupava.

Já a disputa política e econômica envolvendo o Caminho da Graciosa e o Caminho do Itupava, portanto entre as vilas de Antonina e Morretes, durou quase dois séculos e em muito prejudicou a conservação de ambas as vias. Tanto é assim que a situação mereceu a atenção de Zacarias de Goes e Vasconcelos⁶, que encaminhou a seguinte ordem a um renomado engenheiro de obras:

“Ao Tenente-coronel de engenheiros Henrique de Beaurepaire Rohan. Em virtude de ordens imperiais, cumpre que vm. com a possível brevidade examine as estradas desta província, que de serra acima se dirigem às povoações do litoral, especialmente a da Graciosa, que comunica a Vila de Antonina com esta cidade, informando qual a mais vantajosa e que melhor se preste ao transporte por carros e carruagens para, no caso de existir alguma nessas circunstâncias, promo-

⁶Primeiro Presidente da Província do Paraná (1854-1889).

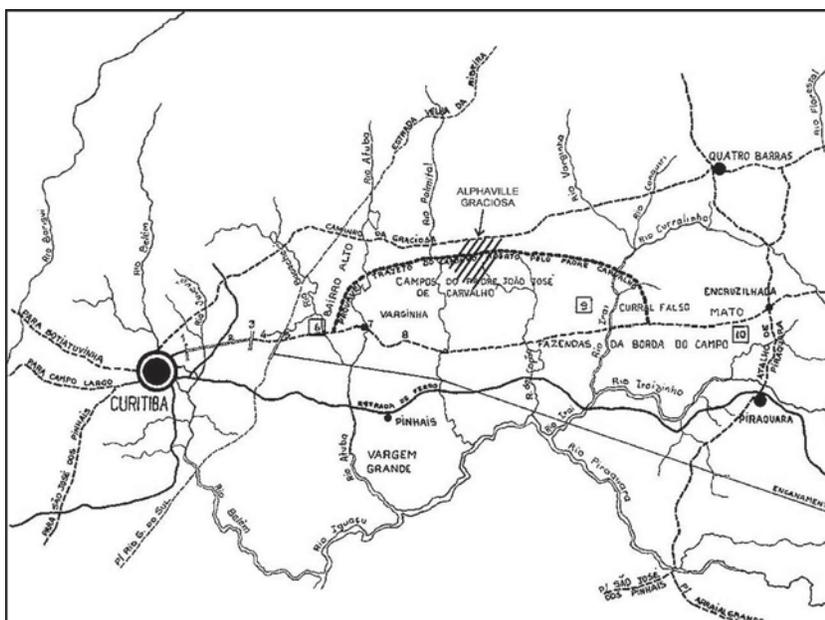


Figura 4. Localização provável do desvio aberto pelo padre João José de Carvalho, a partir do Caminho do Itupava e, o posicionamento do Loteamento Alphaville Graciosa (Extraída de MOREIRA, 1975:Mapa n° 1, modificado).

ver-se às obras necessárias, afim de que este transporte se faça comodamente e sem interrupções no tempo das águas..." (MOREIRA, 1975:350).

Zacarias de Goes e Vasconcelos não poupou esforços e, mesmo não tendo atingido de imediato a plenitude de seu propósito, priorizou a Estrada da Graciosa, livrando o trânsito da forte declividade do Caminho do Itupava e da precariedade de seu trecho navegável (rio Cubatão, atual Nhundiaquara), além do que tentou com isso pôr fim a rivalidade entre as vilas da planície litorânea.

Foi, no entanto, apenas em 1873 que ocorreu a inauguração oficial da Estrada da Graciosa, ainda calçada com pedras irregulares e em grande parte coincidindo com o traçado original do caminho bicentenário.

Com o declínio do Caminho do Itupava e a incrementação da "nova" Estrada da Graciosa, intensificou-se o tráfego comercial de produtos como erva-mate, madeira, gêneros alimentícios, etc. entre as

províncias e, dessas, com outros países.

Um trecho da obra do historiador Rocha Pombo (1900:204) remete ao período da fase ativa do sítio PR CT 80: Fazenda Capela e, de sua relação direta com a Estrada da Graciosa:

“... centenas de carroças eram permanentemente empregadas na condução de cargas entre o interior e os entrepostos marítimos. Às margens da Graciosa, em todo o seu curso, estabeleceu-se grande número de famílias e, em muitos trechos, formaram-se instantaneamente dir-se-ia verdadeiras povoações... Era muito difícil, em toda a sua extensão da linha, encontrar dois quilômetros sem moradores; e, era tal o movimento do tráfego que o viajante não passava um quarto de hora sem se encontrar com tropas ou carroças ou carruagens.”

Com a inauguração da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, em 1885, gradativamente a Estrada da Graciosa foi perdendo sua importância comercial, mas ainda por muito tempo manteve influência regional.

Cabe ressaltar que o Paraná contava com pouco mais de 200.000 habitantes naquele final de período provincial e que desde 1855, o estímulo à entrada de imigrantes europeus era previsto por lei, fomentando sobretudo as atividades agrícolas na região de Curitiba.

Pafrão de implantação

A tipologia do material relativo às atividades agro-pastoris, confrontada com aquela de uso exclusivamente doméstico, permitiu a identificação funcional diferenciada em pontos distintos do sítio PR CT 80. Foi possível, assim, interpretar a função dos espaços anteriormente ocupados por três edificações: residência principal, paiol/estábulo e casa secundária, esta talvez utilizada por serviços.

O alto teor de matéria orgânica decomposta, conferindo coloração mais escura à superfície do terreno, também serviu como indicador da localização do antigo paiol/estábulo, nas proximidades da residência.

A presença de ferraduras, freios, cinerros, fragmentos de lâminas metálicas e encaixes de cabo, não infere à agricultura nem à criação de animais, uma determinância exclusiva no que diz respeito à fixação da família no local. Faz-se necessário frisar que a menos de

5km dali (rio Florestal), funcionava desde 1872 a Companhia Florestal Paranaense incrementando a exploração de pinheiro-do-paraná, além de, no mesmo período, ser intensa a extração de erva-mate nativa em toda região.

A documentação escrita da época corrobora a pesquisa arqueológica e auxilia a compor o quadro da espacialização das relações sócio-econômicas na região:

“...está situado no quarteirão do Palmital, districto a Vila Colombo. Terreno de mato e herval. Principia no passo que vai para Campina Grande. Espécie de indústria ou cultura: cereais e herva-mate. Benfeitorias: engenho de serrar madeira, três casas de tábuas e cercas. Rios: Palmitalzinho, e um córrego sem denominação. Estrada que se dirige a Curitiba.” (REGISTRO DE TERRAS N° 1.443, 1895).

Ou ainda:

“... consta de mato e campo; parreira, árvores frutíferas e cereais; casa de morada, cerca e valos.” (REGISTRO DE TERRAS N° 3.134, 1890).

Já o sistema de divisão fundiária das propriedades rurais de então, pôde ser constatado semi-intacto no entorno do sítio PR CT 80 e está relacionado ao final do período no qual se utilizou mão-de-obra escrava. São valos que atualmente apresentam 80cm de largura média e, profundidade máxima de 1,80m, feitos para favorecer a drenagem do terreno, além de controlar a circulação do gado. Sob pena de terem o gado confiscado, os proprietários viam-se obrigados a mandar fazê-los:

*“Por força de lei se estenderá cerca de tábuas ou fios e de pau-a-pique, com oito palmos de altura ou **valo** (grifo nosso) de dez palmos de boca e nove palmos de fundo, tendo em uma das barrancas cerca de frechame ou de varejões de modo a impedir que eles sejam transpostos.”* (LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Curitiba, 1884:81) (Foto 3).

Material construtivo

Não foram constatados elementos estruturais e arquitetônicos

que tivessem resistido aos mais de 100 anos que separam os dias atuais da construção e utilização das edificações.

Notadamente verificou-se o predomínio de fragmentos de telhas sobre os demais itens coletados no sítio PR CT 80. Correspondem a telhas cerâmicas curvas (coloniais em meia cana), muitas das quais apresentando impressões paralelas em baixo relevo, digitadas na face externa ao longo do eixo menor.

A ausência da marca do fabricante impediu precisar a origem das telhas, mesmo sabendo-se que já em 1872 havia se instalado na região uma importante indústria cerâmica, conhecida mais tarde (1912) como Cerâmica Weiss.

As telhas curvas têm servido como indicador cronológico nos sítios históricos, pois antecederam as planas do tipo francesa, que só no início do séc. XX se tornaram de uso comum no Brasil.

A inexpressiva quantidade de fragmentos de tijolos maciços, aponta para duas possibilidades:

- reutilização dos tijolos após abandono/desmonte da residência;

- paredes constituídas de outros materiais.

A grande quantidade de pregos metálicos em avançado estado de oxidação, bem como a análise dos documentos de descrição patrimonial do período (inventários e registros de terras), infere a utilização preferencial de paredes de madeira.

As janelas eram igualmente tabuadas, pois não foi encontrado um único fragmento de vidro fino, plano e translúcido.

Pinos, travas, dobradiça e uma chave de encaixe, também ocorreram entre os itens metálicos associados ao material construtivo.

Tralha⁷ doméstica

O material arqueológico relacionado às atividades domésticas apresentou-se diversificado, quando consideradas as características morfológicas, padrões decorativos, função e a origem de fabricação.

Houve o predomínio de louça⁸ industrializada dispersada por

⁷ Objetos que não possuem mais um valor utilitário, mas quando recuperados em escavações retornam à sociedade como documento arqueológico.

⁸ Produto manufaturado de cerâmica, composto de substâncias minerais sujeitas a uma ou mais queimas, podendo ser divididas em dois grupos: porosa e vitrificada (PILEGGI 1958).

toda área do sítio e representada pelas seguintes variedades: faiança fina (pó de pedra), faiança clássica, porcelana, vidrada (**colono ware**), vitrificada (grés ou **stone ware**) e biscuit. A quase totalidade dos fragmentos de louça demonstra função utilitária relacionada ao serviço de mesa.

A presença do selo do fabricante (cunho), confere às louças um excelente indicador cronológico, situando entre 1870 e 1900 o período de ocupação única e continuada da residência (Foto 13). Esta datação relativa aceita uma margem de 10 anos como intervalo entre a fabricação e a utilização/descarte das louças estrangeiras. É seguro, entretanto, atestar a não ocorrência de material arqueológico intrusivo anterior e/ou posterior ao período estimado para a ocupação do sítio.⁹

A faiança fina inglesa coletada no sítio PR CT 80 e cunhada com **Royal Ironstone China**¹⁰ (1893), **Ironstone China J. G. Meakin Hanley - England**¹¹ (1890) e **Warranted Staffordshire J. M. & S.** (1837 - 1897), foi largamente utilizada pela classe média oitocentista brasileira, como opção mais acessível e barata frente ao elevado custo da porcelana e da faiança clássica.

Nesse sentido, merece destaque a seguinte citação:

“No campo da louça, os produtos franceses e ingleses disputavam intensamente o mercado, tendo por fim a louça francesa, em específico a porcelana, sido a preferida pelas camadas altas da população. Já a inglesa (faiança fina), inundou o mercado brasileiro com produtos de qualidade inferior, produzidos em grande escala, altamente consumidos por camadas médias.” (ARAÚJO e CARVALHO, 1993:87).

Produto típico da Revolução Industrial Inglesa, essa faiança fina semi-vítrea se popularizou no Brasil logo após a abertura comercial dos portos, no início do século XIX. Os fragmentos decorados desse produto encontrados no sítio, exibem principalmente uma estamparia

⁹ Uma única exceção foi verificada entre o material vítreo ao se constatar a reutilização de uma garrafa produzida na primeira metade do séc. XIX (Foto 16 a).

¹⁰ A palavra China no vocabulário inglês tem dois significados: no cerâmico, designa louça e, no geral, nação. Assim, “english china” é sinônimo de “english ware”, ou seja, louça inglesa (BRANCANTE, 1981:713).

¹¹ A palavra “England” em qualquer louça inglesa é uma convenção adotada pelo governo para designar material destinado à exportação, convenção essa que durou de 1891 até 1900 (BRANCANTE, 1981:512).

em azul, bastante comum em meados do século XIX, retratando uma paisagem lendária chinesa que caracteriza o famoso padrão “pombinhos” (**Willow Pattern**) (Foto 14 a).

Desde o século XVIII, a Inglaterra utilizava técnicas de estampagem em série e, no caso dos fragmentos de louças coletados no sítio, verificou-se tanto o decalque litográfico quanto o “**transfer-printing**” como técnicas associadas.¹²

Foi observada, também, a ocorrência de outros padrões decorativos: azul borrão tardio (**flow blue**, 1880-1900) (Foto 14 c), policromado (flores estilizadas) (Foto 14 e), bordas pintadas (**blue edged**), **willow rosa** (Foto 14 b), alto-relevo (floral) policromado linear (Foto 14 d) e, com maior frequência, fragmentos sem decoração (**white-granite**) provenientes de louças mais baratas e de uso generalizado entre as classes menos abastadas. Em apenas um fragmento foi possível identificar o nome do importador/distribuidor (Luiz José de Faria & C) dessa faiança fina inglesa no Brasil, estabelecido na Cidade do Rio de Janeiro por volta de 1880 (Foto 13 d).

Da região francesa do Sarre, o Brasil importou além de faiança fina, porcelana e faiança clássica, sendo que, no sítio pesquisado, foram encontrados fragmentos de canecas e pratos fundos em “faiança fina opaca” portando o cunho “**Opaque de Sarreguemines**” (1870) (Foto 13 a). Dessa mesma fábrica, ocorreram duas canecas incompletas: uma personalizada, em faiança fina branca, exibindo a inscrição em preto “Juca”; a outra ostenta uma decoração policromática bastante incomum (Foto 12).

Completando o arrolamento das louças estrangeiras, Holanda e Bélgica também se fizeram presentes no acervo do sítio PR CT 80 através de fragmentos de faiança fina com os respectivos cunhos: “**Societé Céramique**” (1860), de Maestricht (Foto 13f) e **Boch Frés La Louvière - Made In Belgium** (aprox. 1880) (Foto 13b).

As louças vidradas e vitrificadas (grés) igualmente ocorreram com razoável frequência ao passo que, quatro fragmentos de uma caneca de biscuit com massa de faiança fina, demonstram a raridade desse material no local.

Não foi possível atestar a presença de louças industrializadas nacionais, mesmo sabendo-se que desde 1888 se produzia louça vidra-

¹²A partir de meados de 1830, o processo litográfico, ou de decalque, predomina sobre o “**transfer-printing**”. A nova técnica era mais rápida, mais prática e de menor custo. Utilizava desenhos impressos em folhas de papel quimicamente preparadas. Já o “**transfer-printing**”, necessitava de placas metálicas para impressão (ALBUQUERQUE e VELOZO, 1993:87).

da e “meia-faiança” no Município de Colombo, não muito distante da área pesquisada.

Fragmentos de cerâmica artesanal de fabricação local, foram coletados em menor quantidade; o padrão decorativo simples predomina sobre o corrugado. São comuns nessa cerâmica asas modeladas (Foto 11).

Com relação ao material vítreo de origem estrangeira constatado no sítio, ocorreram fragmentos de garrafas e frascos associados, respectivamente, ao acondicionamento de bebidas alcoólicas, sucos e óleos vegetais e ao uso de medicamentos, perfumaria e tinta (Foto 16).

A presença de marcas de moldes de fabricação, gargalos e decantadores bem acabados, ausência de bolhas de ar e a coloração variada dos fragmentos de vidro, imprimem características técnico-cronológicas que situam a fabricação da maioria desse material na segunda metade do século XIX.

Outra indicação cronológica relacionada aos vidros, foi a frequência significativa de fragmentos de vidros, opacos ou translúcidos, provenientes de frascos que também só chegaram ao Brasil na segunda metade do séc. XIX. É importante observar que o País só começaria a fabricação industrial de garrafas e frascos no início do séc. XX.

A indumentária e adorno pessoal se expressaram através de fivelas metálicas, prendedores de cabelo, pente, botões e navalha.

A ocorrência de cinco tinteiros feitos de louça grés e de vidro, confere habilidade de leitura e escrita ao seu usuário/ocupante, hipótese corroborada pela constatação de uma lente ovalada de monóculo (pinça - nez) (Foto 15).

CONCLUSÃO

O acesso aos produtos industrializados estrangeiros foi, em grande medida, facilitado pela proximidade do sítio com a Estrada da Graciosa.

Os dados arqueológicos e a documentação escrita disponível, não foram suficientes para hierarquizar a unidade residencial, mesmo dentro do contexto rural. A razoável frequência de materiais mais caros (porcelana e faiança), além da opção locacional de destaque, porém, dão à residência características importantes, aproximadas daquelas constatadas em casas-sede.

Observou-se, por fim, que o arrolamento interpretativo do acervo do sítio PR CT 80 apontou para um padrão geral de consumo semelhante ao verificado no meio urbano sem, no entanto, o refinamento e a

sofisticação dos equipamentos domésticos característicos da elite urbana ascendente naquele final de século.

Percebe-se, pela exposição destas considerações parciais, que o estudo das evidências arqueológicas provenientes das unidades domésticas, podem revelar aspectos estruturais e comportamentais de uma sociedade. Nesse sentido, faz-se apropriada a seguinte citação:

“A arqueologia de espaços domésticos, ao tentar recuperar atividades cotidianas, rotineiras e anônimas de grupos humanos, penetra em um dos domínios mais informativos da cultura, contribuindo para o conhecimento de aspectos não conscientes, e por isso mesmo, altamente reveladores da estrutura de uma sociedade.” (LIMA et al., 1989:205).

Junto com a recuperação da cultura material, portanto, teve-se a oportunidade de resgatar parte da identidade cultural do Município de Pinhais. O acervo agora disponível, reúne importantes informações científicas alusivas à centenária cultura material pesquisada através deste projeto.

A equipe externa seus agradecimentos a Luiz Fernando Erig Lima, pelo auxílio prestado na classificação das louças, a Jonas Elias Volcov, pela informatização das figuras e fotos e a Roseli Santos Ceccon, pela diagramação final do relatório.

A equipe louva, também, as atitudes adotadas pelos empreendedores do Loteamento Alphaville Graciosa, com relação ao patrimônio arqueológico nele existente.

As fotos que ilustram este relatório são creditadas a: João Carlos Gomes Chmyz (1, 3, 4, 6 e 9 a 15), Eloi Bora (2), Roseli Santos Ceccon (5, 7 e 8) e Gustavo Rayel/Photo Makers (16 e 17).

ABSTRACT: This article is the result of an environmental impact research and archaeological saving in an area designed to be an urban estate. With a modified physiographic by the recent occupation, the researched space have not revealed signs of Indians occupation. The archaeological evidences which were found refer to a rural farm from the 19th century second half. Besides the residuals structures of the main house, the secondary house and the barn were collected a sort of material that corresponds of a pottery (ceramics) locally manufactured (tiles

and containers), crockery and glass flasks imported from Europe, beyond metal object also obtained through trade. The identified place was connected to Graciosa road.

KEY – WORDS: Saving Archaeology, Archaeology of Paraná, Historical Archeology of Pinhais, Graciosa Road.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo T. de S.; VELOZO, Jango N. A faiança fina inglesa dos sítios arqueológicos históricos brasileiros. **CLIO. Série Arqueológica**. Recife, v. 1, n. 9, p. 81-96. 1993.

ARAÚJO, Astolfo G. M.; CARVALHO, Marcos R. R. A louça inglesa do séc. XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. 3, p. 81-95. 1993.

BRANCANTE, Eldino F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga. 730p. 1981.

CHMYZ, Igor. Pesquisas de arqueologia histórica no Paraná. **Dédalo**. São Paulo, n. 24, p. 171-197. 1975.

_____. A Pré-história paranaense. In: **História do Paraná. Idéias em Debate**. Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, n. 5, p. 7-26. 1986.

_____. Arqueologia de Curitiba. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba, v. 21, n. 105, p. 3-54. 1995.

FERRARINI, Sebastião. **História de Quatro Barras**. Curitiba: EDUCA. 460p. 1987.

LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Curitiba, v. 30. 1884.

LIMA, Tânia A.; FONSECA, Marta P. R. da; SAMPAIO, Ana C. de O.; FENZL-NEPOMUCENO, Andrea; MARTINS, Antonio H. D. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. **Dédalo. Publicações Avulsas**. São Paulo, n. 1, p. 205-230. 1989.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba: Banco do Desenvolvimento do Paraná. 350p. 1968.

MACEDO, João H. S. Garrafas, frascos e pontas de flecha. Considerações sobre o vidro do Sítio da Guarda de São Martinho - RS. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 91-112. 1997.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba, 378p. s/d.

MOREIRA, Júlio E. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá**. Curitiba: Imprensa Oficial. 3 vol., 1045 p. 1975.

PILLEGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Martins Editora. 290p. 1958.

POMBO, Rocha. **O Paraná no Centenário**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger. 1900.

RELATÓRIO TÉCNICO. **Relatório técnico dos trabalhos para constatação do patrimônio arqueológico na área de implantação do Loteamento Alphaville Graciosa, no Município paranaense de Pinhais**. Curitiba: CEPA/UFPR. 5p. Ms (1999).

REGISTRO DE TERRAS. Arquivo Público do Paraná. Curitiba. 1890.

_____ Arquivo Público do Paraná. Curitiba. 1896.

SANTOS, Antonio V. dos. **Memória Histórica da Cidade de Paranaguá e seu Município (1850)**. Curitiba: Museu Paranaense, v. 1, 405p. 1951.

SANTOS, Francisco M. dos. **Louças e porcelana**. Rio de Janeiro: Tecnoprint. 1969.

SYMANKI, Luis C. P. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no séc. XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 276p. 1998.

_____ A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós - processuais. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 23, p. 59-76. 1996.

TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**.

Museu de Arqueologia e Artes Populares. Paranaguá, v. 1, n. 1, p. 119-138. 1976.

XAVIER, Aarão de P. **Nos trilhos do tempo: a formação histórica de Pinhais**: Secretaria de Estado da Cultura/Prefeitura Municipal de Pinhais. 57p. Ms (1999).

ZANETTINI, Paulo E. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, v. 5, p. 117-130. 1986.